

M. J. HYLAND

# O menino que odiava mentira

*Tradução*  
Angela Pessoa



Copyright © M. J. Hyland, 2006

*Direito moral do autor está garantido*

*Publicado mediante acordo com Canongate Books Ltd., Edimburgo*

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Carry me down

*Capa*

Marcos Kotlhar

*Preparação*

Cacilda Guerra

*Revisão*

Arlete Zebber

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Hyland, M. J.

O menino que odiava mentira / M. J. Hyland ; tradução  
Angela Pessoa. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Carry me down.

ISBN 978-85-359-1703-1

1. Ficção inglesa I. Título.

---

10-05844

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

# 1.

É janeiro, um sombrio domingo de inverno, e estou sentado com minha mãe e meu pai à mesa da cozinha. Meu pai tem as costas voltadas para a mesa, os pés pressionados contra a parede, um livro no colo. Minha mãe acha-se à minha direita e seu livro repousa sobre a mesa. Sento-me próximo a ela e minha cadeira, virada para a janela, está perto do calor do fogão.

Há um bule de chá quente no meio da mesa e cada um de nós tem uma xícara e um prato. Há sanduíches de presunto e peru nos pratos e, se quisermos comer e beber mais, há fartura. A despensa está cheia.

De quando em quando, paramos de ler para conversar. O astral está bom, como se fôssemos uma só pessoa lendo um único livro — não três pessoas separadas e independentes.

Dias como este são os perfeitos.

Pela janela pequena e quadrada, vislumbro a estreita estrada rural que conduz à cidade de Gorey e, no outro lado da estrada, um campo coberto de neve. Para além do campo de neve, ainda que agora não consiga enxergá-la, acha-se a árvore pela qual passo

todas as manhãs, e três quilômetros depois da árvore fica a Gorey National School, para onde vou voltar depois do feriado de Natal.

Na beira da estrada, à esquerda do portão principal, há uma trave com uma placa indicando Dublin e outra menor, embaixo desta, indicando o cemitério. Por mais dois dias vamos ficar juntos, nós três, e é o que desejo. Não desejo nada diferente disso.

Quando percebo que minha mãe está perto da última página do livro, pego um baralho e o empurro na direção de seu cotovelo. Ela logo vai largar o livro e sugerir um jogo. Observo seu rosto e espero.

De repente, ela fecha o livro e se levanta.

— John — diz —, por favor, venha comigo. — Ela me leva para o corredor, para longe de meu pai; me afasta das vistas dele, como se eu fosse lixo. — Venha agora e deixe o livro — diz.

Paramos ao pé da escada íngreme e estreita que conduz ao quarto-sótão de meus pais — o único aposento no andar superior — e ela se apoia no corrimão com os braços cruzados sobre o peito, a pele em suas mãos fria e branca como giz.

— Estou parecendo diferente hoje? — pergunta.

— Não. Por quê?

— Você estava encarando de novo. Você estava me encarando.

— Eu estava só olhando — respondo.

Ela se afasta do corrimão e pousa as mãos em meus ombros. Tem um metro e sessenta e cinco de altura e, embora eu seja apenas quatro centímetros mais baixo, ela projeta-se sobre mim até que eu afunde. Seu corpo se curva para a frente e seu traseiro se empina.

— Você estava me encarando, John. Você não deve me encarar assim.

— Por que eu não posso olhar para você?

— Porque agora você tem onze anos. Não é mais um bebê.

Distraio-me com os gritos de nossa gata, Crito, que está trancada no armário sob as escadas, com seus novos gatinhos. Quero ir até lá. Mas minha mãe me aperta com mais força.

— Eu estava só olhando — digo.

Quero dizer que não há nada de infantil em observar as coisas, mas meu corpo estremece sob o peso de seus braços e estou trêmulo demais para falar.

— Por quê? — pergunta ela. — Por que você precisa me encarar desse jeito?

Ela está machucando meus ombros e seu peso é surpreendente. Parece mais leve, menor e mais bonita quando está sentada à mesa ou na beirada de minha cama, conversando comigo, me fazendo rir. Estou zangado com ela agora, por ser alta, por ser tão grande, tão pesada e por me tornar tão grande, grande demais para minha idade.

— Não sei por quê. Eu simplesmente gosto — explico.

— Talvez você devesse se livrar desse hábito.

— Por quê?

— Porque dá nos nervos. Ninguém consegue relaxar com você encarando desse jeito.

— Desculpe — digo.

Ela endireita o corpo e me solta. Inclino-me e lhe dou um beijo perto da boca.

— Tudo bem, então — diz ela.

Beijo-a uma segunda vez, mas quando ponho os braços ao redor de seu pescoço para puxá-la mais para perto para podermos nos abraçar, ela se afasta.

— Agora, não — diz. — Está frio aqui.

Ela se vira e sigo-a de volta à cozinha.

O cabelo escuro e cacheado de meu pai está despenteado e a franja caiu sobre seus olhos.

— Feche a porta — ele pede, sem erguer os olhos do livro.

— Já está fechada — respondo.

— Bom — diz ele. — Mantenha fechada.

Ele sorri olhando para seu livro: *A frenologia e o crânio criminoso*.

Meu pai não trabalha há três anos, desde que moramos aqui, na casa de campo da mãe dele. Antes de nos mudarmos para a casa de minha avó, ele trabalhava como eletricista em Wexford, mas detestava o emprego e dizia isso todas as noites ao chegar em casa. Agora, em vez de ir para o trabalho, ele lê. Diz que está se preparando para o exame de admissão no Trinity College e que não deve ter muito problema para passar porque no ano passado realizou o teste da Mensa e passou com distinção.

— Olhe pela janela — digo à minha mãe. — Está nevando em diagonal.

— Está mesmo — concorda ela. — Não parece farinha saindo de uma peneira?

— A farinha não passa pela peneira na diagonal — digo.

Sua língua despenda para lambe o canto da boca e fica de fora. Debruço-me sobre a mesa para tocá-la.

— Sua língua é fria — declaro.

Meu pai olha para nós e os lábios de minha mãe se fecham com força.

— Sou igual a lagartixa — diz ela.

Ela sorri para mim, devolvo o sorriso.

— Um par estranho — diz meu pai.

Crito está quieta agora. Provavelmente satisfeita por nos ouvir conversar e saber que estamos por perto.

Volto à leitura do *Livro Guinness dos recordes*, meu livro favorito. Tenho todas as edições, com exceção da de 1959, e é um dos meus presentes de Natal todos os anos.

Ainda me restam algumas páginas para ler da nova edição de 1972 e quase terminei de ler a seção Mundo Humano pela quarta vez. O *Livro Guinness dos recordes* está cheio de maravilhas, como o sacerdote chinês detentor do recorde pelas unhas mais compridas. Ele levou vinte e sete anos para deixar crescer unhas de cinquenta e seis centímetros de comprimento, e na fotografia elas são pretas e enroscadas, como os chifres de um carneiro.

O melhor de tudo são os artistas da fuga e homens como Blondin, que cruzou as cataratas do Niágara sobre uma corda bamba, e Johann Hurlinger, que caminhou plantando bananeira por mais de cinquenta dias. Ele percorreu mil quatrocentos e um quilômetros em cima das mãos.

Um dia vou estar no *Livro Guinness dos recordes*, junto com todas as outras pessoas que não desejam ser esquecidas ou ignoradas. Vou quebrar um recorde importante ou fazer alguma coisa fora do comum. Não vejo sentido em viver, a menos que haja alguma coisa que eu possa fazer melhor do que qualquer outra pessoa, ou a menos que consiga fazer alguma coisa que ninguém mais faz.

Dobro a foto da mulher mais baixa do mundo para compará-la com a do homem mais alto. O nome dele era Robert Pershing Wadlow e ele tinha dois metros e setenta e dois. Aos onze anos, já media dois metros e trinta.

Eu costumava me perguntar se a voz dele começou a mudar cedo, como a minha. Costumava me perguntar se iria me tornar um gigante. Ainda me preocupo com essas coisas, mas me-

nos, agora que decidi que não vou acabar no *Livro Guinness dos records* por ser uma aberração. Vou entrar lá por uma razão muito melhor.

A mulher mais baixa era Pauline Musters e media cinquenta e oito centímetros e meio. Quando dobro sua foto ao lado da do homem mais alto, ela parece um objeto que caiu do bolso dele, e não uma pessoa: uma pessoa não fica ao lado de outra e alcança a base dos joelhos desta.

— Veja — digo à minha mãe. — Essa anã parece um ornamento.

Já sei o que ela vai dizer.

— Ornamento — ela corrige.

— Não dobre o livro — diz meu pai.

— OK — respondo.

— E você mal tocou no seu sanduíche — ele acrescenta.

— Não quero tocar nele — respondo.

Minha mãe dá um tapa em minha mão.

— Você deixou de comer metade do seu sanduíche só para poder dizer isso?

— Não.

— Então coma o sanduíche.

Mas agora o pão está velho e são seis da tarde, hora do jantar. Minha mãe se levanta e olha pela janela. A neve parou de cair. Ela seca as mãos no pulôver e põe um bule com água no fogão. Abre a geladeira e retira uma embalagem.

— Você quer isso? — pergunta a meu pai.

Ele esfrega o queixo e não responde. Fez a barba ontem e o barbear revelou uma covinha; a escura fenda vertical em seu queixo. Ele a esfregou o dia inteiro, como se esperasse alisar a dobra.

— Michael, você quer isso para o jantar ou não?

Ele olha para o pacote.

— Não — responde. — Prefiro peixe defumado.

— Não temos — diz minha mãe. — Não temos peixe defumado.

Minha mãe detesta cozinhar.

— Então vou comer esse peixe no saco — diz ele.

— Então vai — diz ela.

Eles trocam um sorriso, um sorriso diferente do que dirigem a mim. O que meu pai chama de peixe no saco é uma refeição preparada em água fervente: um pedaço quadrado de peixe em um saco plástico transparente, repleto de molho branco.

— Posso segurar? — pergunto.

— Se você faz questão — responde minha mãe.

Retiro a embalagem da mão dela e aperto o plástico, flexível como feltro molhado.

— Parece com aquele peixinho dourado que ganhei em Butlins — declaro.

— Venha cá — diz meu pai e me abraça, mas seus braços pressionam firme meu pescoço e seu aperto é forte demais.

— Pare de abraçar meu pescoço — peço. — Está doendo.

— Dê cá o saco de peixe — diz ele.

Entrego o peixe no saco e ele o acaricia.

— Vou ter que discordar de você — diz ele. — Esse saco parece mais com um saco de meleca do que com um peixinho dourado.

Meu pai ri e rio também, embora não me agrade ele ter comparado meu jantar com meleca.

Minha mãe confisca o peixe e o coloca em uma panela com água. Fito meu pai.

— Pai, você pode me contar uma história?

— Que tipo de história?

— Qualquer uma.